

JARDINS PÚBLICOS E PRIVADOS DE PELOTAS NOS FINS DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX

Mariane D'Ávila Rosenthal e Carlos Alberto Ávila Santos/ Centro de Artes da UFPel

rosenthal.mariane@hotmail.com

betosant@terra.com.br

Resumo: Este artigo apresenta os resultados parciais da pesquisa de iniciação científica intitulada “Espaços verdes de Pelotas nos fins do século XIX e início do XX: arborização e ajardinamento em locais públicos, semipúblicos e privados”. Discorre sobre a organização do logradouro público transformado na Praça Coronel Pedro Osório. Comenta sobre o ajardinamento dos espaçamentos frontais do lote de terreno da antiga residência do Conselheiro Francisco Antunes Maciel, e sobre a estética, os materiais e as técnicas utilizadas nestes empreendimentos.

Palavras-chave: Urbanismo; Praças; Jardins

Introdução:

Entre os anos de 1870 e 1931, o ecletismo historicista se desenvolveu na arquitetura edificada em Pelotas. Foi durante esse mesmo período que sucessivas reformas inseriram modernizações no espaço urbano da cidade, como: as canalizações de água potável e de esgotos; a implantação das redes de iluminação pública; a pavimentação e a arborização das ruas; o ajardinamento dos antigos logradouros públicos transformados em espaços verdes e destinados ao prazer da população (SANTOS, 2007), a criação dos jardins privados nos interiores dos lotes de terreno das residências.

Essas inovações, originadas da industrialização, objetivaram a salubridade da urbe que se fazia moderna durante o período, como também o conforto e a saúde dos cidadãos. A arborização das ruas e das praças e os jardins criados purificaram o ar do espaço urbano e contribuíram para a aeração dos ambientes internos das residências, responderam às

indicações de urbanistas e higienistas da época e concorreram para o embelezamento da área central da cidade.

Jardins públicos: a organização das praças

Com o desenvolvimento de Pelotas entre os anos de 1870 e 1931, houve um processo de modernização que envolveu a reorganização dos logradouros públicos existentes até então no espaço urbano do município, através da inserção de melhorias técnicas e estéticas que proporcionaram incremento de qualidade na vida cotidiana dos habitantes da localidade. Dentre essas melhorias observa-se a arborização das ruas e avenidas e o ajardinamento dos logradouros no interior do plano reticulado que estruturou o traçado urbano em ruas paralelas (leste-oeste), cortadas por vias perpendiculares (norte-sul), que permitiram a insolação dos quarteirões assim formados e das edificações. (Figura 1) Os primitivos logradouros foram previstos para a organização destes espaços coletivos em praças.

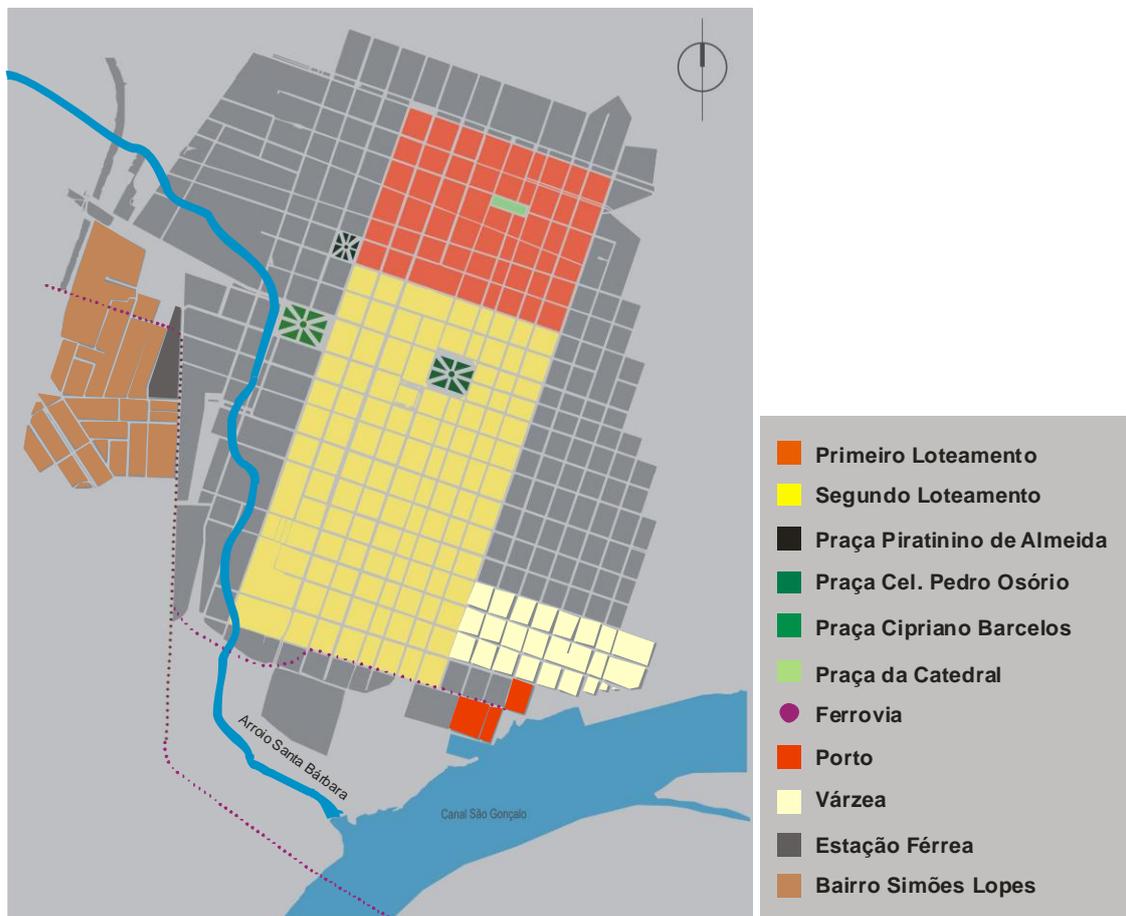


Figura 1: Planta da cidade de Pelotas, de 1922, na qual foram ressaltados em cores, o primeiro e o segundo loteamento, os logradouros públicos que originaram as praças, e os bairros periféricos que se somaram aos traçados iniciais. **Fonte:** Planta obtida na Prefeitura da cidade.

Na primeira planta da cidade (Figura 1), desenhada em 1815 pelo piloto de rumos Maurício Inácio da Silveira, um quarteirão não edificado foi projetado para constituir um espaço verde (GUTIERREZ, 1993), a Praça da Matriz, onde foi erguida a Catedral São Francisco de Paula. No segundo loteamento do espaço urbano (Figura 1), traçado pelo engenheiro Eduardo Krestchmar em 1834, quatro quarteirões não edificados originaram a atual Praça Coronel Pedro Osório (GUTIERREZ, 2004). Neste segundo loteamento, outros dois logradouros foram pensados. O primeiro no porto, mais tarde ajardinado e denominado como Praça Domingos Rodrigues. O segundo decorreu do quarteirão não construído e fronteiro à Santa Casa, hoje denominado como Praça Piratinino de Almeida. Mais tarde, no ano de 1880, a Câmara de Vereadores aprovou a concessão de um terreno junto ao antigo Arroio Santa Bárbara (GUTIERREZ, 2004), limitado pelas atuais ruas Santa Tecla, Marechal Floriano e Lobo da Costa, para a organização de nova praça nomeada como Cypriano Barcelos.

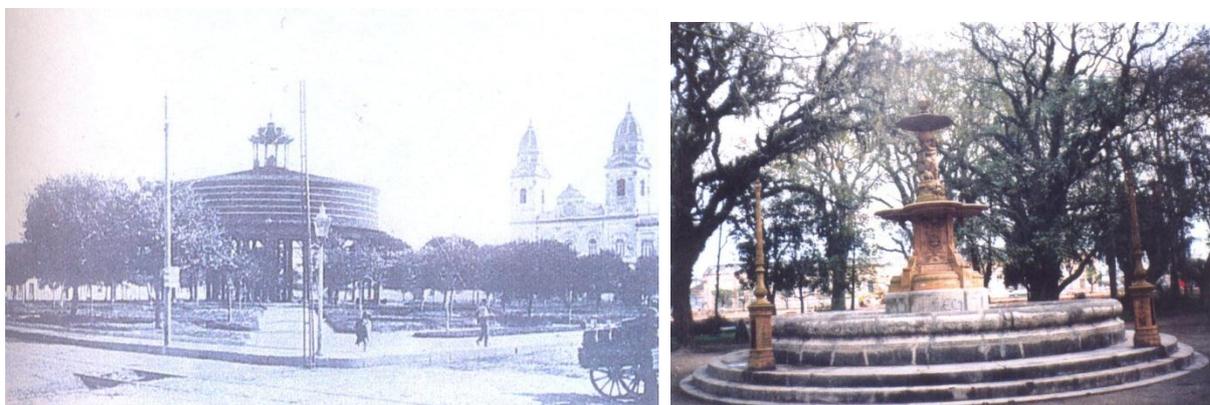


Figura 2: Na imagem à esquerda, 1: O reservatório de água da Praça Piratinino de Almeida. **Fonte:** COSTA, Alfredo da. (Org.) O Rio Grande do Sul: estudo completo sobre o Estado. Porto Alegre: Globo, 1922. p. 76. Na imagem à direita, 2: O Chafariz da Praça Cypriano Barcelos. **Fonte:** MAGALHÃES, Nelson. Projeto Pelotas Memória.

Relevante inovação complementar eclética consistiu na utilização do ferro fundido em obras de engenharia ou de arquitetura, que concorreu diretamente para a importação do reservatório de água originado da Escócia (Figura 2.1) e dos chafarizes franceses (XAVIER, 2006), todos moldados no novo material advindo da modernização dos países europeus. Esses modernos equipamentos importados das nações industrializadas foram distribuídos pela Hidráulica Pelotense nos logradouros públicos da cidade, com o objetivo de fornecer água potável à população. A água captada do São Gonçalo e tratada foi canalizada por tubulações de ferro subterrâneas até o reservatório edificado no quarteirão não construído fronteiro à Santa Casa, daí era dirigida às fontes por meio de novas canalizações. As redes subterrâneas foram inovações para a cidade que se desenvolvia.

O primeiro chafariz foi montado no logradouro que originou a Praça Coronel Pedro Osório, no mês de junho de 1873. (Figura 4 e 5.1) O segundo foi armado em julho do mesmo ano, no espaço público que conformou a Praça da Matriz. (Figura 3.1) O terceiro foi erguido junto ao cais do porto em março de 1874 (Figura 3.2), no quarteirão que decorreu na Praça Domingos Rodrigues (GUTIERREZ, 2004). O quarto ocupou a esquina das ruas Felix da Cunha com a Gomes Carneiro e foi inaugurado em 19 de abril de 1876 (DIÁRIO POPULAR, 1876). Segundo o Relatório Municipal publicado no dia 24 de setembro de 1911 (DIÁRIO POPULAR, 1911), esta última fonte foi transferida para a Praça Cypriano Barcelos. (Figura 2.2)



Figura 3: Na imagem à esquerda, 1: O Chafariz da praça fronteira à Catedral. **Fonte:** MAGALHÃES, Nelson. Projeto Pelotas Memória. Na imagem à direita, 2: A fonte instalada na Praça Domingos Rodrigues, no porto, transferida para o calçadão da cidade no ano de 1981. **Fonte:** Foto do autor, 2012.

A água vertente nas fontes era vendida às populações do entorno de cada chafariz, o serviço era diário e noturno. Por essa razão, a importação destas peças incluiu os postes de ferro fundido com lampiões a gás. (Figuras 2.2, 4 e 5.2) Porém, o Relatório da hidráulica de 1876, registrou que o lucro com a venda da água dos chafarizes diminuía a cada dia (GUTIERREZ, 2004). Tal declínio decorreu da instalação de penas nos prédios públicos e privados, com as canalizações subterrâneas iniciadas pela companhia nesse mesmo ano. Em pouco tempo, a distribuição de água por meio dos chafarizes foi interrompida, mas as fontes restaram no espaço urbano.

Em uma antiga fotografia que retrata o chafariz da Praça Coronel Pedro Osório e, ao fundo o Teatro Sete de Abril (Figura 4), que é anterior ao ano de 1877, quando foi erguido o gradil de ferro no entorno do recinto verde e que não aparece na foto, podemos ver na imagem que a

fonte não possuía o tanque e o embasamento atual, elevado por três degraus onde estão dispostos os oito postes da iluminação. (Figura 5.2) Até então, a função primeira do instrumento, de distribuir água e render lucros à hidráulica, se sobrepunha ao valor estético que o mesmo poderia ter. Daí a instalação ao rés do chão e o pequeno gradil colocado ao redor do equipamento. (Figura 4) Com o passar dos anos, foi construído o embasamento e o tanque mais amplo, onde os grupos de cavalos marinhos e ninfas ficaram mais distanciados, recursos que deram maior elegância e imponência ao artefato fundido em ferro. (Figura 5.2)

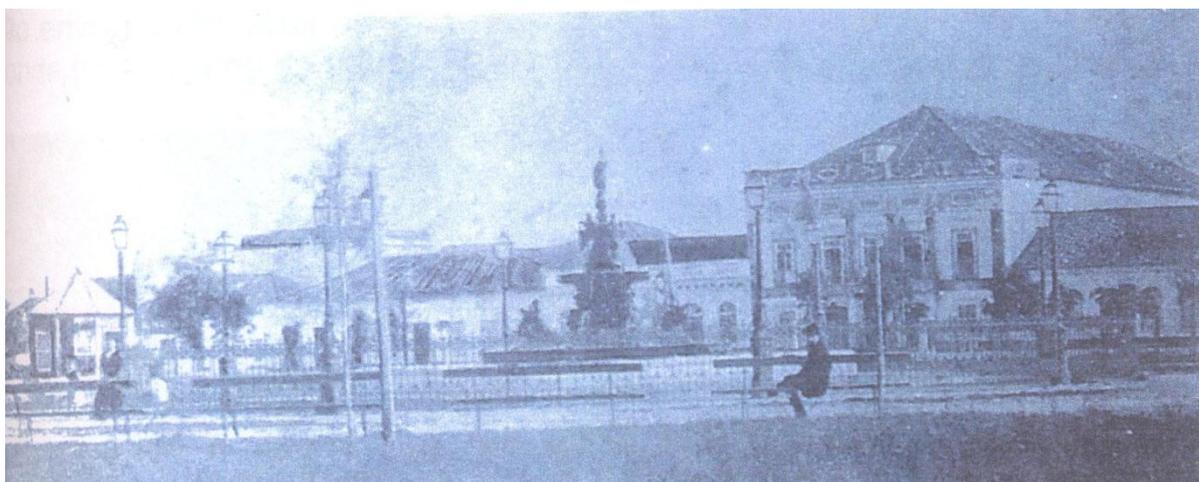


Figura 4: O chafariz da Praça Coronel Pedro Osório. **Fonte:** MAGALHÃES, Nelson. Projeto Pelotas Memória.

Outro registro reforça essa afirmação. Quando em 1904 era realizada a reforma do cais do porto, que também envolveu melhorias na Praça Domingues Rodrigues, o então intendente José Barbosa Gonçalves registrou em Relatório publicado no dia 29 de setembro, a vantagem de remover o chafariz instalado no local, dando espaço ao jardim que estava sendo organizado, o que concorreria para o “embelezamento d’esta futura cidade” (DIÁRIO POPULAR, 1904). Ou seja, a antiga fonte desmerecia o belo aspecto do ajardinamento da praça.

Fundamentados na obra “El culto moderno a los monumentos” (RIEGL, 1987), relevamos que o reconhecimento posterior dos valores estéticos e históricos dos chafarizes e do reservatório elevou esses equipamentos à condição de monumentos. De um lado, por estas peças terem sido importadas de um mundo civilizado, criadas com materiais e técnicas inovadoras para a época em que foram concebidas e trasladadas para o Novo Mundo. Por outro, pela beleza dos elementos decorativos e simbólicos inspirados em estilos pretéritos da história da arquitetura: o classicismo, o barroco e o art nouveau. Esse status suplantou a intenção original que gerou a importação e a instalação das fontes no interior do espaço

urbano pelotense, e alçou estes acessórios ao patamar de patrimônio, termo definido como “bens destinados ao usufruto de uma comunidade (...) obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e do *savoir-faire* dos seres humanos” (CHOAY, 2001).

Provavelmente, esse mesmo reconhecimento originou a iniciativa do mesmo intendente José Barbosa Gonçalves, durante um novo mandato na administração da cidade, de transferir no ano de 1911, como já foi registrado, o chafariz da esquina das ruas Felix da Cunha com a Gomes Carneiro para o ponto central da Praça Cypriano Barcelos. (Figura 2.2) Como também o traslado da fonte da Praça Domingues Rodrigues, não muito visível no porto, para um ponto nobre e estratégico do calçadão da Rua Andrade Neves com a 7 de Setembro (Figura 3.2), efetuado na administração do prefeito Irajá Andara Rodrigues e inaugurado no dia 18 de dezembro de 1981 (DIÁRIO DA MANHÃ, 1981).

A Praça Coronel Pedro Osório

O ajardinamento dos logradouros públicos organizados em espaços verdes foi posterior à implantação dos chafarizes nestes locais. O primeiro empreendimento ocorreu na atual Praça Coronel Pedro Osório. Foi noticiado no dia 16 de setembro de 1877, a finalização do cercamento da então Praça Pedro II (CORREIO MERCANTIL, 1877), com muro de alvenaria de tijolos e pedras e gradis de ferro (Figura 5.1) executados pelo empreiteiro e especialista em cantaria Carlos Zanotta (SANTOS, 2010), que também incluiu os passeios externos ao limite periférico do espaço público, que foram revestidos com “soleiras de lages” de Porto Alegre (SANTOS, 2007). Dois meses depois, no dia 18 de novembro de 1877, outra notícia divulgou o início da execução do ajardinamento. Para o serviço, a Câmara contratou o francês Achilles Beauvallet, floricultor negro habilitado e premiado em diferentes exposições francesas, que trabalhava na chácara¹ de Aníbal Antunes Maciel, o Barão de Três Cerros, recentemente falecido (CORREIO MERCANTIL, 1877).

O espaço circundado pelo muro de alvenaria de tijolos e pedras e o gradil foi dividido em oito seções por meio de oito alamedas retas que irradiavam do chafariz central em direção aos passeios externos do cercamento. A primeira seção ajardinada foi aquela fronteira ao Teatro

¹ A atual chácara do Museu da Baronesa.

Sete de Abril. Seguiu-se a seção contígua à primeira, voltada para a mesma rua. Os dois territórios foram subdivididos em diversos canteiros, que apresentavam “perspectiva elegante e pittoresca com a arborização, a relva e as flôres que se desenvolvem já com bastante viço” segundo notícia do periódico de 22 de agosto de 1878 (CORREIO MERCANTIL, 1878).

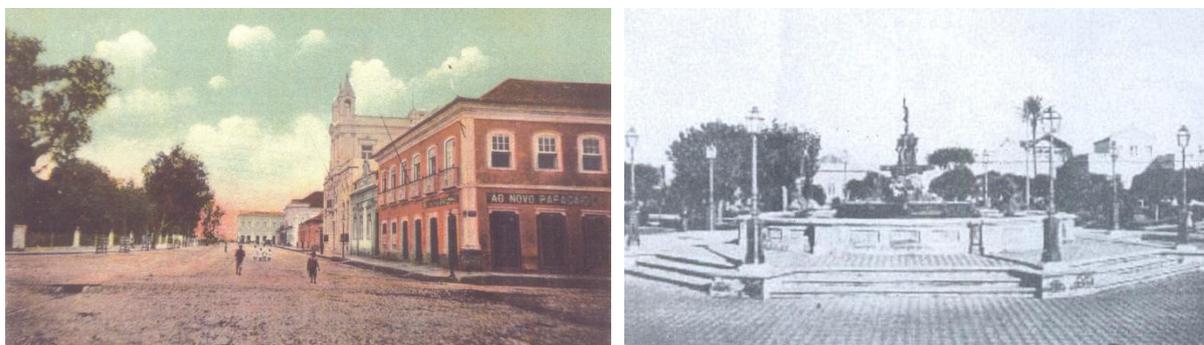


Figura 5: Na imagem à esquerda, 1: Vista do cercamento da Praça Coronel Pedro Osório, com a antiga Casa da Banha e o Clube Caixeiral no primeiro plano à direita. **Fonte:** MAGALHÃES, Nelson. Projeto Pelotas Memória. Na imagem à direita, 2: O chafariz da Praça Coronel Pedro Osório. **Fonte:** MICHELON, Francisca & SCHWONKE, Raquel. **Retratos de uma cidade:** um catálogo de fotografias impressas – 1913/1930. Pelotas: Ed. UFPel, 2008. p. 42.

Em 28 de junho de 1879 foi iniciado o ajardinamento das seções voltadas para a então Rua do Imperador, atual Felix da Cunha. A matéria desta data solicitava a doação de “plantas dignas de figurar no passeio público” (CORREIO MERCANTIL, 1879). Em 19 de setembro do mesmo ano, Carlos Zanotta deu início às escavações para a construção do lago (CORREIO MERCANTIL, 1879). O ajardinamento da Praça Coronel Pedro Osório seguiu a estética francesa (Figura 6), na qual os arbustos eram podados formando volumes diversos e os canteiros, com plantas e flores coloridas arranjados em simetria, compunham desenhos geométricos (SANTOS, 2007). Bancos de ferro foram dispostos nas alamedas para o descanso, o prazer e o ócio dos visitantes, para o “ver e ser visto” que se somava ao ritual cotidiano da burguesia pelotense da época.



Figura 6: Aspecto da Praça Coronel Pedro Osório. **Fonte:** MICHELON, Francisca & SCHWONKE, Raquel. **Retratos de uma cidade:** um catálogo de fotografias impressas – 1913/1930. Pelotas: Ed. UFPel, 2008. p. 39.

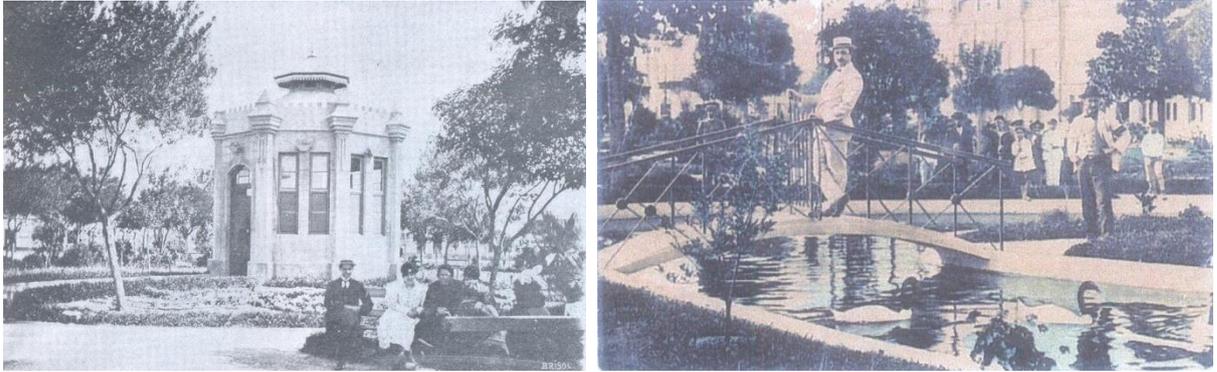


Figura 7: Na imagem à esquerda: O “water closet” erguido na ilha do lago da Praça Coronel Pedro Osório. **Fonte:** MICHELON, Francisca & SCHWONKE, Raquel. **Retratos de uma cidade:** um catálogo de fotografias impressas – 1913/1930. Pelotas: Ed. UFPel, 2008. p. 40. Na imagem à direita: Detalhe do lago e da ponte metálica que dá acesso à ilha. **Fonte:** MAGAHLÃES, Nelson. Projeto Pelotas Memória.

No dia 26 de setembro de 1913, outro periódico mencionou melhorias na praça realizadas durante a administração de Cypriano Barcellos, os passeios foram recobertos com “tijoletas de mosaico (Figura 5.2) e cercadura de cordão de cantaria”, trabalho realizado pela firma pelotense *Domingos Stanisci* (DIÁRIO POPULAR, 1913). Os quatro cantos do recinto verde foram arredondados. Os cordões de cantaria continham os aterros de terra, tanto no passeio do entorno como nas laterais dos caminhos internos. Três anos depois, em 27 de agosto de 1916, outra matéria divulgou o ajardinamento da ilha do lago (DIÁRIO POPULAR, 1916). A recente implantação da rede de esgotos permitiu a instalação de um “water closet” na área, para a comodidade do público. (Figura 7.1) Pontes metálicas deram continuidade ao parapeito de ferro que contornava o lago, e permitiram o acesso ao banheiro criado. (Figura 7.2)



Figura 8: Na imagem à esquerda, 1: O chafariz da Praça Coronel Pedro Osório, após a restauração. Na imagem à direita, 2: Detalhe do lago, da ponte e dos guarda-corpos restaurados. **Fonte:** Fotos do autor, 2011.

Com o convênio firmado entre a Prefeitura e o Projeto Monumenta no ano de 2001, que é uma iniciativa do governo federal com fins de preservação do patrimônio histórico e artístico urbano do país, Pelotas se inseriu entre as vinte e seis cidades brasileiras que participam do

Programa. Em 2003 foi restaurado o chafariz da Praça Coronel Pedro Osório. (Figura 8.1) Seguiu-se a revitalização do espaço verde, com a troca dos ladrilhos hidráulicos dos passeios, da restauração do lago e do corrimão que o circunda (Figura 8.2), dos bancos primitivos de ferro, da recuperação dos brinquedos da área destinada às crianças. Aqueles assentos não mais existentes foram substituídos por novos, cujos bancos de ferro reconstituem os antigos, armados sobre bases de concreto. (Figura 8.1)

Jardins privados: a antiga residência do Conselheiro Maciel

Perfiladas ao longo dos perímetros dos quarteirões, as construções ecléticas pelotenses passaram a apresentar vazios centrais ou laterais em relação aos limites dos lotes de terreno nos quais foram edificadas. Esses espaços foram organizados em jardins ou em corredores de serviços, fechados por muros de alvenaria e gradis com portões de ferro, e propiciaram a circulação dos empregados e a ventilação e a insolação dos ambientes interiores das moradias.



Figura 9: Na imagem à esquerda, 1: O espaçamento da antiga residência do Conselheiro Maciel, em relação à casa vizinha do Barão de São Luís. Na imagem central, 2: Aspecto da caixa mural do módulo da esquina da moradia do Conselheiro Antunes Maciel. Na imagem à direita, 3: O vão da mesma residência voltado para a Rua Barão de Butuí. **Fonte:** Fotos do autor.

Exemplo deste tipo de implantação da construção no lote de terreno é a antiga residência do Conselheiro Francisco Antunes Maciel, erguida em 1878 na esquina das ruas Barão de Butuí e Felix da Cunha, em quarteirão fronteiro à Praça Coronel Pedro Osório. (Figura 9.2) A edificação utilizou dois espaçamentos. Um deles guardou distância em relação à casa vizinha do Barão de São Luís, Leopoldo Antunes Maciel, que era irmão do Conselheiro Maciel. (Figura 9.1) O outro vazio dividiu a residência em dois blocos. (Figura 9.3) O primeiro módulo ocupa a esquina, onde interiormente se desenvolvia a área social e íntima da moradia. (Figura 9.2) O segundo abrigava a área de serviços. Nesse módulo, grandes portões de

madeira davam entrada às cocheiras e eram utilizados para os serviços domésticos, para a circulação de escravos e para a retirada das águas servidas e materiais fecais, o que ocorreu até o início da segunda década do século XX, quando foram implantadas as redes de esgotos na cidade e as residências tiveram os interiores reformados para receber essa modernização (SANTOS, 2007).



Figura 10: Na imagem à esquerda, 1: Aspecto do jardim voltado para a praça central, na antiga residência do Conselheiro Maciel. Na imagem à direita, 2: A escadaria que leva à porta principal da antiga moradia. **Fonte:** Fotos da autora, 2013.

Os dois espaçamentos da antiga residência do Conselheiro Maciel foram organizados em jardins, ambos são apartados do espaço público por muros de alvenaria com gradis e portões de ferro. (Figuras 9.1 e 9.3) Atualmente, a construção foi adquirida pela Universidade Federal de Pelotas e foi restaurada inteiramente, o prédio deverá abrigar o Museu do Doce Pelotense, da UFPel. O jardim voltado para a praça central e a para Rua Felix da Cunha dava acesso à área social da moradia, permitia melhor aeração e insolação às salas interiores voltadas para este espaço. (Figura 10)



Figura 11: Canteiros com contorno revestido com elementos decorativos elaborados em alvenaria de tijolos e cimento, imitando troncos de árvores ou pedras. **Fonte:** Fotos da autora, 2013.



Figura 12: Na imagem à esquerda, 1: Pedestal de vaso em alvenaria, que imita um tronco de árvore. Na imagem à direita, 2: Pequena gruta e fonte moldadas em alvenaria de tijolos e cimento, ornadas com a técnica dos embrechados. **Fonte:** Fotos da autora, 2013.

Canteiros foram organizados de maneira assimétrica, cujos limites ou bordaduras realizadas em alvenaria de tijolos e cimento imitam troncos de árvores ou pedras. (Figuras 10 e 11) Um pedestal de vaso realizado na mesma técnica foi disposto em uma das laterais do jardim. (Figura 12.1) No fundo deste espaço foi moldada em massa de cimento uma gruta e um pequeno espelho d'água, decorada com a técnica dos embrechados (MACHADO, 2013), na qual pedras e conchas eram incrustadas na massa. (Figura 12.2) Entre os canteiros, com a interferência restaurativa os caminhos receberam pavimentação de mosaico português, constituindo faixas ondulantes em preto e branco. (Figuras 12.1 e 10.2) Uma passarela revestida de mármore leva à escadaria com degraus na mesma pedra e corrimão de ferro fundido, que dá acesso à porta principal do casarão.



Figura 13: Na imagem à esquerda, 1: Os limites dos canteiros com bordadura em alvenaria de tijolos e cimento imitando pedras, no jardim voltado para a Rua Barão de Butuí. Na imagem central, 2: Aspecto do jardim. Na imagem à direita, 3: Os limites dos canteiros na técnica dos embrechados. **Fonte:** Fotos da autora, 2013.

O vão voltado para a Rua Barão de Butuí foi também ajardinado. (Figura 13.2) Os limites dos canteiros imitam pedras moldadas em alvenaria de tijolos e cimento. (13.1) Alguns foram

trabalhados na técnica dos embrechados, inserindo pedras verdadeiras sobre a argamassa. (13.3) Com o restauro do imóvel, as bordaduras lacunares dos canteiros foram reconstituídas em muretas lisas de cimento e os caminhos foram cobertos com seixos. (Figura 13.2) Uma passarela em concreto leva à escadaria que dá acesso ao módulo destinado originalmente aos serviços da casa.

Conclusão:

A arborização das ruas e o ajardinamento dos antigos logradouros públicos transformados em praças purificaram o ar e embelezaram a cidade, seguiram as recomendações ditadas pelos técnicos das áreas da saúde e do urbanismo. A Praça Coronel Pedro Osório foi a primeira a ser ajardinada. A área verde se tornou ponto de encontro da sociedade da época, local destinado ao ócio e à contemplação da natureza, onde descansavam famílias e desfilavam senhoritas e cavalheiros após as missas realizadas na Catedral ou depois das seções dos cinemas.

Jardins foram organizados nos espaçamentos frontais ou laterais das construções da época, e contribuíram para a aeração dos ambientes internos das moradias. Esses vãos iniciais das edificações ecléticas traduziram a postura de construtores e arquitetos na conquista e incorporação da natureza à arquitetura residencial, e determinaram a extinção das antigas alcovas do período colonial (REIS FILHO, 1987). Os jardins privados se constituíram em mais um requinte dos palacetes historicistas. As grutas artificiais, os pequenos espelhos d'água e os canteiros limitados por cordões de alvenaria que imitavam troncos de árvores ou pedras, tornaram esses ambientes mais pitorescos e qualificaram esses espaços de acesso aos interiores das residências.

Referências:

COSTA, Alfredo da. (Org.) **O Rio Grande do Sul**: estudo completo sobre o Estado. Porto Alegre: Globo, 1922.

MACHADO, Zeila Maria de Oliveira. Embrechados: de Portugal ao Brasil. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel. (Org.) **Oitocentos**: intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2013.

MICHELON, Francisca & SCHWONKE, Raquel. **Retratos de uma cidade**: um catálogo de fotografias impressas – 1913/1930. Pelotas: Ed. UFPel, 2008.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, charqueadas & olarias**: um estudo sobre o espaço pelotense. Pelotas: Ed. UFPel, 2004.

_____. **Barro e sangue**: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas: Ed. UFPel, 2004.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil**: 1870-1931. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo: Área de Concentração em Conservação e Restauo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. 2007.

XAVIER, Janaina Silva. **Chafarizes e caixa d'água de Pelotas**: elementos de modernidade do primeiro sistema de abastecimento (1871). Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos) Instituto de Artes e Design Gráfico da Universidade Federal de Pelotas. 2006.

Sites:

<http://iad.ufpel.edu.br/prodart/artigos/ver/76>

<http://iad.ufpel.edu.br/prodart/artigos/ver/110>

<http://iad.ufpel.edu.br/prodart/artigos/ver/201>

<http://ecletismoempelotas.files.wordpress.com/2011/05/o-ecletismo-historicista-em-pelotas-1870-1931.pdf>